

croma 14

Revista CROMA, Estudos Artísticos
julho-dezembro 2019 | semestral
issn 2182-8547 | e-issn 2182-8717

Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes
(CIEBA), Faculdade de Belas-Artes,
Universidade de Lisboa



Lumen: tradição e contemporaneidade na fotografia

Lumen: traditon and contemporaneity in photography

ANDRÉA BRÄCHER* & SANDRA MARIA LUCIA PEREIRA GONÇALVES**

Artigo completo submetido a 02 de janeiro de 2019 e aprovado a 21 janeiro de 2019

*Brasil, artista visual e professora, pesquisadora da área de Fotografia.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248, CEP 90020-180, Centro, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: andrea.bracher@terra.com.br

**Brasil, artista visual e professora, pesquisadora da área de Fotografia.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), Departamento de Comunicação. Rua Ramiro Barcelos, 2705 — Campus Saúde, Porto Alegre, RS, CEP 90035-007, Brasil. E-mail: sandrapgon@terra.com.br

Resumo: No artigo analisam-se as obras das artistas brasileiras Myra Gonçalves, Dani Remião e Gisele Endres, sob o conceito de Crítica Genética de Salles (2004), a fim de aprofundarmos o conhecimento sobre o processo de criação de obras de arte que utilizam-se da metodologia experimental na fotografia com processos fotográficos históricos. Procurou-se entender os métodos de “registro” das experimentações. Conclui-se que as artistas são praticantes de uma fotografia expressiva, locus onde o cruzamento de tradição e contemporaneidade se dá a ver.

Palavras chave: fotografia / processos fotográficos históricos / crítica genética / Lumen.

Abstract: *The article analyzes the works of the Brazilian artists Myra Gonçalves, Dani Remião and Gisele Endres, under the concept of Genetic Criticism of Salles (2004), in order to deepen the knowledge about the process of creation of works of art that use the experimental methodology in photography with historical photographic processes. We sought to understand the methods of “recording” experiments. It is concluded that the artists are practitioners of an expressive photograph, locus where the crossing of tradition and contemporaneity comes to be seen.*

Keywords: *photography / historical photographic processes / genetic criticism / Lumen.*

Introdução

A fotografia contemporânea se apresenta diversa e, no campo artístico, desde meados do século XX, não mais atrelada à ideia e a essência da objetividade, e da pureza dos meios, a fotografia se expande. Através de mestiçagens, hibridismos e recuperação de antigos processos de impressão, a fotografia se faz outra e se transforma em matéria prima para a expressão artística. É a partir daí, dessa matéria densa, que o Grupo Lumen (grupo de estudos em processos fotográficos históricos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS) encaminha as suas pesquisas, lugar onde tradição e contemporaneidade, através da expressão de cada um de seus membros, cria imagens que ultrapassam a fronteira do meio fotográfico e se torna expressão artística.

Pensando nesses termos, o objetivo deste artigo é dar a conhecer o Grupo Lumen, praticante de uma fotografia expressiva que tem como base comum revisitar os processos históricos da fotografia, como o *Photogenic Drawing*, Papel Salgado, Antotipia, Cianotipia, Goma Bicromatada, Marrom *Van Dyck*, Impressão em Clorofila. De acordo com a temática desenvolvida por cada um dos membros do coletivo, aprofunda-se a pesquisa artística. Diversos artistas — alguns jovens, outros consagrados — estiveram ligados ao grupo de estudos de 2016 à 2018. No artigo aprofundaremos aspectos da pesquisa artística de três desses membros, focando na pesquisa experimental de cada um deles e seus métodos de trabalho. Conforme Cecília Salles (2004) a gênese do processo criador é rico de informações e é possível mapeá-lo de diferentes formas. Uma delas é através dos documentos de processo que é:

[...]a de registro de experimentação, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concretização da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo testadas. Encontramos experimentação em rascunhos, estudos, croquis, plantas, esboços, roteiros, maquetes, copiões, projetos, ensaios, contatos, story-boards (Salles, 2004:18).

Então, é isso que se fará aqui. Através de entrevistas semi-estruturadas aprofundaremos o conhecimento do processo de criação, do método experimental empregado e de seus registros de experimentação no trabalho de três artistas do grupo: Myra Gonçalves (Figura 1, Figura 2, Figura 3), Dani Remião (Figura 4, Figura 5, Figura 6) e Gisele Endres (Figura 7, Figura 8, Figura 9). Dessa forma, será possível mapearmos a gênese de cada trabalho, de acordo com o conceito de Crítica Genética de Cecília Salles (2004). Foram examinados em cada trabalho: estudos, ensaios e documentos processuais, como anotações e fotografias — conforme sugere a autora (2004:18). Vamos a eles.

1. Lumen e a Fotografia Expressão

A Fotografia Expressão como um movimento coletivo, se estabeleceu a partir da segunda metade do século XX, quando, tendencialmente, as características que marcaram a Fotografia Documento (a verdade incontestável dos fatos; imagem máquina) foram postas em dúvida. Passou-se a entender que a imagem fotográfica não possuía de maneira exclusiva a capacidade de estabelecer um caráter de verdade sobre aquilo que retratava e que suas supostas características de imagem máquina, como objetividade, neutralidade, imparcialidade e seus efeitos de verdade não passavam de utopias da Era Moderna (Gonçalves, 2017). A partir daí oportuniza-se, segundo Rouillé (2009) o surgimento e o reconhecimento de uma Fotografia Expressão, que não se encerra apenas no aspecto material e documental da coisa retratada. É uma fotografia que se abre a sensações e significados que vão além da referência dada e privilegiam e incluem as subjetividades do fotógrafo e do observador interessado. Abre-se um campo expandido dentro da fotografia, o da expressão, que irá envolver tanto o fotógrafo e o artista. A Fotografia Expressão privilegia o elogio da forma, a presença do autor e o dialogismo que é a sua condição de realização.

O Grupo Lumen, praticante de uma fotografia expressiva que tem como base comum revisitar os processos históricos da fotografia iniciou seus trabalhos como grupo em 2016 a partir do desejo de alunos graduandos da UFRGS de explorar o universo dessas técnicas históricas. Desde então, de acordo com a temática desenvolvida por cada um dos membros do coletivo, aprofunda sua pesquisa artística trazendo à tona reflexões sobre a materialidade desses processos, seu caráter híbrido, sua sempre aberta mestiçagem de materiais em sua própria poética. Tais processos, através do trabalho desses artistas são potencializados e atualizados em releituras técnicas e autorais.

O resultado prático, a cada ano de trabalho do Lumen, se traduziu em exposições coletivas, abrigadas na Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre (RS/Brasil) — que foram denominadas “Lumen”, “Herdeiros de Herschel: revendo o azul através de hibridações, apropriações e mestiçagens” e “Desenhos de Sal em Variações *Photogenicas*” — em 2016, 2017 e 2018 respectivamente.

2. Experimentos e “Escrituras”: processo criativo sob análise

2.1 Myra Gonçalves: anotações sobre o processo — informações e percurso

Começamos com o trabalho híbrido e experimental de Myra Gonçalves. Na Figura 1, vemos um quadro formado pelos experimentos de Myra Gonçalves (Porto Alegre, 1965) em Antotipia ou *Phytotype* (emulsões fotográficas produzidas a

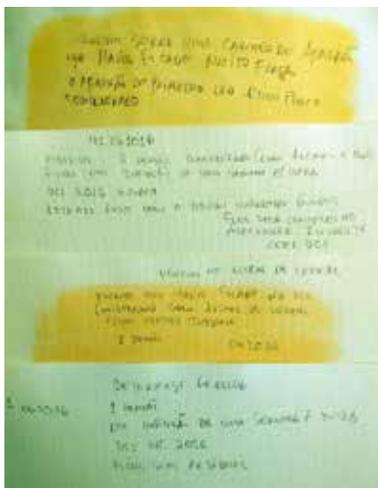


Figura 1 · Myra Gonçalves, *Sem título*, 2016. Antotipia, cópia em papel de algodão, 50 x 75cm. Fonte: imagem cedida pela artista.

Figura 2 · Myra Gonçalves, *Sem título*, 2016. Antotípias em papel de algodão, dimensões variadas. Fonte: imagem cedida pela artista.

Figura 3 · Myra Gonçalves, verso dos trabalhos com anotações, 2016. Antotípias sobre papel, dimensões variadas. Fonte: imagem cedida pela artista.



Figura 4 - Dani Remião, *Pas de deux*, série *Entre pixel et pinceau*, 2018. *Photogenic Drawing* sobre tela tonalizada com espuma rose e *hand-colouring* com vinho tinto, díptico, 30 x 30cm. Fonte: imagem cedida pela artista.

partir de plantas, normalmente vegetais — flores e frutas). Gonçalves é Mestre em Artes Visuais, área de concentração em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS), possui graduação em Artes Plásticas, habilitação em Fotografia pela mesma universidade. Atua como fotógrafa desde 1991, e expõe desde a década de 90 em coletivas e individuais. Atualmente é professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS) onde coordena os Cursos Tecnológicos de Fotografia e Design Gráfico.

Em seu trabalho, Myra Gonçalves exercita o método experimental de pesquisa. A artista costuma fazer anotações em seus próprios trabalhos (no verso) e ainda cria obras de grandes dimensões, com vários exemplos de uma mesma técnica, como exemplificado na Figura 2.

Nela temos várias cores de antotipias sendo experimentadas em menores e maiores dimensões, — ora como estudos cromáticos, ora como escala de cores. É através das anotações (Figura 3), que é possível repetir mais tarde a mesma cor. O processo impermanente em diversos graus, enseja a repetição, pois é fadado ao desaparecimento dos originais. Para a artista, além das informações técnicas de cada emulsão, afirma que as anotações funcionam

[...] no resgate de informações tanto positivas como negativas. O clareamento de certas ideias, a partir de escritos próximos a um resultado de imagem torna o processo muito

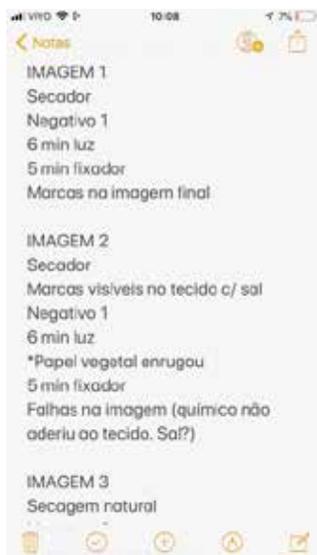


Figura 5 · Dani Remião, anotações no aplicativo Notas do celular para a obra *Pas de deux*, série *Entre pixel et pinceau*, 2018. Fonte: imagem cedida pela artista.

Figura 6 · Dani Remião, documentação fotográfica dos testes de impressão para *Pas de deux*, série *Entre pixel et pinceau*, 2018. *Photogenic Drawing* sobre tela tonalizada com espuma rose e *hand-colouring* com vinho tinto. Fonte: imagem cedida pela artista.

mais interessante. Tanto pelos êxitos como pelos percalços, as informações durante a caminhada são fundamentais para os próximos passos (Gonçalves, 2018).

Temos aí o método de trabalho de uma artista que nos revela sua peculiar e original metodologia, que performa sua poética.

2.2 Dani Remião: anotações virtuais e em constante atualização

A artista Dani Remião (Porto Alegre, 1972) estudou Arquitetura e Urbanismo (UFRGS) e Artes Plásticas (UFAM), iniciando seu aprendizado em fotografia em 1990. Fotógrafa profissional há 15 anos, dedica-se principalmente à fotografia de moda e beleza. É Professora universitária desde 2000 e Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS — 2018), com ênfase em Poéticas Visuais.

O trabalho da Figura 4, *Pas de deux*, é imagem feita em tecido tonalizado com espumante rose e colorizada à mão com vinho tinto (a obra fez parte da exposição final de sua banca de defesa de dissertação (2018a) e também da exposição do grupo Lumen — 2018 — “Desenhos de Sal em Variações *Photogenicas*”).

Para a artista o processo de criação começa um longo período antes de entrar no laboratório, lendo e observando. Neste caso específico, acompanhou os integrantes do grupo trabalhando em seus próprios projetos e ao longo daqueles emulsionamentos de sal e nitrato, organizava suas ideias (2018b). O *Pas de deux* começa pela junção da dupla de bailarinos e pelo duplo emulsionamento de camadas do *photogenic drawing* (processo fotográfico do século XIX cuja fotossensibilidade vem do nitrato de prata). A bailarina é temática cara à Dani Remião, assim como a França — e as mesmas a acompanharam durante toda a sua dissertação, assim como alguns processos históricos, em particular no ano de 2018 — recorrendo a tonalizadores não tradicionais. Tais tonalizadores são o espumante rose e o vinho tinto — uma menção clara à França. No plano material, seu método de anotações sobre os experimentos, diferentemente daqueles do século XIX, foram feitos no aplicativo “Notas” de seu celular (Remião, 2018b). Permitindo assim acessibilidade, atualização e disponibilidade, diferentemente de um clássico caderno ou diário (Figura 5).

Além disso, fotografei também com o celular alguns resultados de experimentos, registrando assim os testes de tempo de exposição, alterações no tom da imagem, tingimento e coloração manual (...), os vários testes de criação da imagem desejada até o resultado final (...). Assim, a organização de um álbum de fotos também no smartphone, com imagens e suas respectivas datas salvas automaticamente, se tornou importante forma de registrar os resultados alcançados durante o processo (Remião, 2018b).

Podemos ver uma dessas imagens — experimentos e os testes de tempos e tingimentos — mencionadas por Remião na Figura 6.

Outra artista, outra poética, outros processos e cruzamentos. Remião, através de processos analógicos e digitais, elabora um universo de liberdade, bailarinas deslizam seus corpos pelas telas onde misturam-se livremente materiais. É o universo também do onírico e do sensual onde impermanentes bailarinas deslizam seus corpos imateriais.

2.3 Gisele Endres: anotações em papel e nas redes sociais — uma retroalimentação no processo de criação

Gisele Endres (Canoas, 1988) é graduada em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) e graduanda em Artes Visuais pela UFRGS, começou na fotografia em 2010, e, desde 2016, é convidada a participar do Lumen. Hoje atua como fotógrafa comercial e é laboratorista de apoio ao ensino de fotografia, na universidade UNISINOS — Porto Alegre (RS/Brasil). Já participou de exposições coletivas no Brasil e Argentina e têm trabalhos publicados em catálogos e livro.

A jovem artista realizou a obra *A Fé(rruge)* em 2016 (Figura 7), quando começava a pesquisar a temática das crenças populares brasileiras. Na imagem, fitas de Nosso Senhor do Bonfim, fotografadas no Mercado Público de Porto Alegre. Curiosa, após fazer um curso sobre goma bicromatada, decidiu se aventurar pela técnica, mas modificando a sequência das camadas, trocando os negativos e usando-os nas camadas “erradas”. faz suas registros de processo no verso da própria imagem, como na Figura 8. Graças a essas anotações é possível mais tarde retornar a repetir a obra, embora Gisele Endres seja mais afeita aos acasos e aos experimentos do que a repetição. Desavisadamente, Endres, neste trabalho, evoca características da própria fita, como os tradicionais três pedidos feitos quando se amarram os três nós — porque são três camadas de cores em seu trabalho. Também as fitas têm cores correspondentes aos Orixás, e somente numa tricromia de goma bicromatada teríamos a exuberância colorida que as fitas nos evocam.

Mas seu “caderno de anotações” mais importante hoje é o Instagram (Figura 9), onde salva referências de trabalhos inspiradores de outros artistas, ideias, possibilidades de projetos, entre outros (Endres, 2018). Jovem que cresceu usando as redes sociais e suas possibilidades técnicas, tira vantagem desta familiaridade para ter seu banco de imagens sempre disponível, ao alcance da mão em seu celular. Infinito, atualizável, organizado conforme suas preferências dia-a-dia, não limitada somente aos livros e a geografia da cidade onde vive.

Nossa última artista é uma mulher de seu tempo. Em Endres, o cruzamento

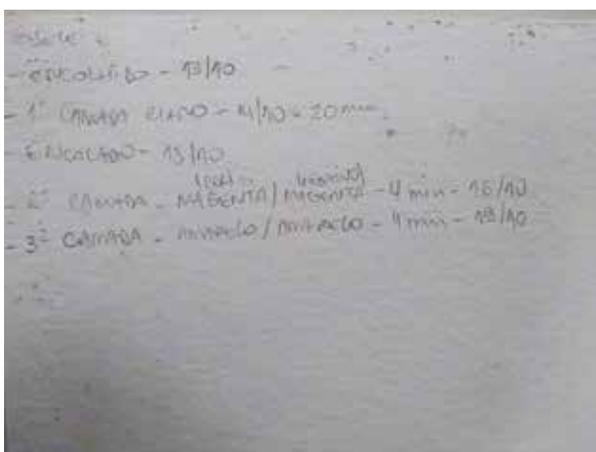


Figura 7 · Gisele Endres, *A Fé(r)uge*, 2016. Goma bicromatada e cianótipo sobre papel aquarela, 32 x 24cm.

Fonte: imagem cedida pela artista.

Figura 8 · Gisele Endres, anotações no verso de *A Fé(r)uge*, 2016.

Fonte: imagem cedida pela artista.



Figura 9 · Gisele Endres, exemplo de feed salvo como anotações no *Instagram*, 2018. Fonte: imagem cedida pela artista.

entre o passado e o futuro da fotografia em seus processos históricos de impressão tornam-se claros. Buscando o acaso e o novo o trabalho de Endres surpreende em seus resultados.

Conclusões

Conforme podemos perceber ao longo deste artigo, a fotografia contemporânea é múltipla, híbrida, foge da antiga ideia de objetividade e pureza do meio. No campo artístico, a fotografia se expande para horizontes antes impensáveis. Através de mestiçagens, hibridismos e recuperação de antigos processos de impressão, a fotografia se faz outra e se transforma em matéria prima para a expressão artística. Os trabalhos das artistas Myra Gonçalves, Dani Remião e Gisele Endres, integrantes do Grupo Lumen (grupo de estudos em processos fotográficos históricos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS), demonstram os encaminhamentos das pesquisas desenvolvidas no Grupo. O coletivo, praticante de uma fotografia expressiva, como se pode verificar, é um locus onde o cruzamento de tradição e contemporaneidade se dá a ver. Através da expressão de cada um de seus membros, aprofunda-se a pesquisa artística. O método escolhido para observação dos trabalhos das artistas escolhidas, a Crítica Genética (Salles:2004), mostrou-se suficiente para as conclusões aqui apresentadas.

Enfatiza-se que analisaram-se as obras de Myra Gonçalves, Dani Remião e Gisele Endres, sob o conceito de Crítica Genética de Salles (2004), a fim de aprofundarmos o conhecimento sobre o processo de criação de obras de arte que utilizam-se da metodologia experimental na fotografia com processos fotográficos históricos. Procurou-se entender os métodos de “registro” das experimentações.

Referências

- Gonçalves, Sandra Maria Lúcia Pereira (2017) "Klaus Mitteldorf: Memórias do Presente." *Revista Estúdio* [online]. ISSN 1647-6158. Vol.8 (18): 44-54.
- Remião, Dani (2018a) *Em Busca da Bailariana da Caixa de Música: o tempo expandido e os reflexos na fotografia*. 169 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de Artes Visuais, Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rouillé, André (2009) *A Fotografia. Entre o documento e a arte contemporânea*. São Paulo: SENAC. ISBN: 978-7359-876-6
- Salles, Cecília Almeida (2004) *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*. São Paulo: FAPESP/Annablume. ISBN: 85-7419-042-X